



Falta de investimento reduz colheita de trigo

Com um consumo anual de quase 10,5 milhões de toneladas de trigo, o Brasil produziu nesta temporada 4,88 milhões de toneladas, cerca de 20% a menos do que na safra 2003/04, quando foram colhidas 5,8 milhões de toneladas. Diante dos preços oferecidos para o produto, considerados ruins, houve decréscimos significativos na área nos principais estados produtores, o Paraná e o Rio Grande do Sul. A falta de investimento nas lavouras acarretou uma safra com baixa tecnologia e produtividades ainda menores.

Apesar da produção nacional não atender à metade da demanda interna, os produtores amargam preços abaixo dos custos e falta de mercado. A desvalorização do dólar prejudica a tricultura nacional, porque importar da Argentina ou dos Estados Unidos se torna mais barato. Além disso, prejudica as tentativas de exportar o trigo nacional.

Uma das queixas dos produtores é a de que as indústrias brasileiras, vinculadas à Associação Brasileira

das Indústrias de Trigo (Abitrigo), compram o trigo argentino com a finalidade de forçar para baixo o preço do produto nacional. O Brasil possui no trigo o segundo item na pauta de importações. No ano passado, o País gastou US\$730 milhões para comprar o produto, dos quais, 90% oriundos da Argentina. As importações crescerão 30%, de 4,971 milhões de toneladas para cerca de 6,5 milhões de toneladas.

BAIXA QUALIDADE

A safra paranaense ficou comprometida pela estiagem na época do plantio, enquanto as chuvas prejudicaram a colheita no norte e oeste, e o enchimento dos grãos, ao Sul. A estimativa é de queda na produção de 7,3%, de 3,10 milhões de toneladas para 2,88 milhões de toneladas. Mas em termos de qualidade, a perda pode ser maior, já que parte do trigo não pode ser utilizada para panificação, devendo ser destinada para a ração. Apenas 500 mil toneladas são tidas

como de excelente e boa qualidade.

Inicialmente, o maior Estado produtor brasileiro previa colher cerca de 3 milhões de toneladas. Mas de acordo com a Ocepar (Organização das Cooperativas do Paraná), aproximadamente 1 milhão de toneladas da safra atual foi afetado pelo excesso de chuvas. Não adequado para a produção de farinha, pois perde suas características enzimáticas, o trigo "chuvado" é destinado para ração, por falta de qualidade. A indústria de farinha brasileira consome anualmente cerca de 10 milhões de toneladas.

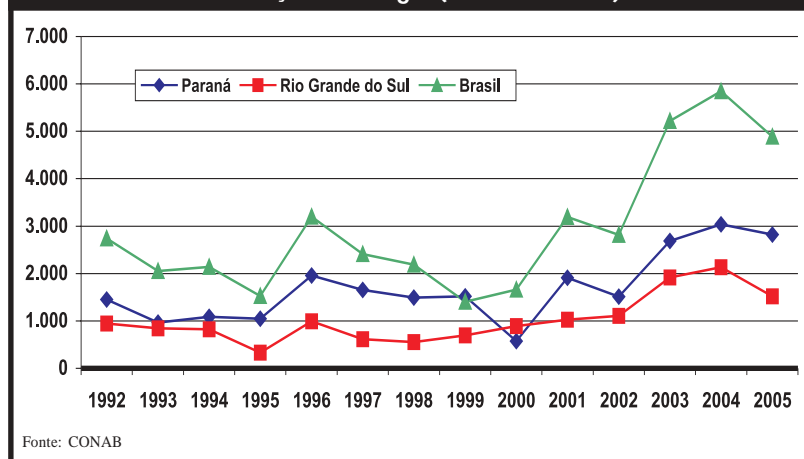
Devido a problemas na qualidade de boa parte da safra de trigo do Paraná e também em função de uma menor produção prevista para a Argentina, o principal fornecedor do Brasil, os moinhos brasileiros terão de importar mais trigo dos Estados Unidos e do Canadá, no ano agrícola 2005/06. Os países da região do Mar Negro, como Ucrânia e Rússia, que poderiam ser potenciais fornecedores, não dispõem de produto, e o frete é mais caro.

O problema no Paraná ocorre coincidentemente em um momento em que os mercados futuros mundiais pagam um elevado prêmio por qualidade. Por sua vez, a desvalorização do dólar frente ao real deixou o valor do importado competitivo em relação ao nacional.

Os produtores paranaenses fecham contratos de exportação de trigo, principalmente da África e da Ásia, com embarques previstos a partir de dezembro, como estratégia para escoar parte da produção de qualidade inferior. A expectativa é de que os embarques de trigo atinjam 400 mil toneladas até o final da safra 2005/06. As exportações ocorrem não como uma tendência a se consolidar nos próximos anos, mas como uma oportunidade para reduzir a oferta de trigo de qualidade inferior do País. Os embarques mais relevantes ocorreram em 2003, com 1,375 milhão de toneladas, porque havia grandes estoques no mercado interno e a qualidade do produto colhido era boa.

Já no Rio Grande do Sul, de acordo com a Emater/RS, a produtividade média esperada, em quilos por hectare, para a cultura do trigo em território gaúcho, deve ficar em 1.717, uma variação negativa de 7,39% em relação à

Produção de trigo (mil toneladas)



previsão inicial de agosto, calculada em 1.854. Com base no rendimento médio, se projeta uma produção total de 1,530 milhão de toneladas para a safra 2004/05, sendo, em princípio, 25,76% menor que a obtida na colheita de 2003/04. A qualidade também varia bastante, com PH das cargas retiradas abaixo de 78, desqualificando o produto e pressionando para baixo o preço.

MENOR RENTABILIDADE

Diante de moinhos com estoques de um a dois meses, trigo importado a valores competitivos e preços abaixo do mínimo, ocorrem poucos negócios com o trigo remanescente da safra velha e menos ainda com o produto novo. Por sua vez, o trigo argentino é de boa qualidade e pode ser pago em até seis meses.

Os produtores articulam medidas para tentar elevar o preço do trigo. Atualmente, a saca de 60 quilos está cerca de 20% abaixo do preço mínimo estipulado para a cultura, de R\$24,00, equivalente a R\$400,00 a tonelada, abaixo do custo de produção da saca, calculado em R\$ 29,00. As federações dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag) e das Cooperativas Agropecuárias do Estado (Fecoagro) avaliam a possibilidade de ingressar com uma ação na Justiça para que seja garantido o pagamento do preço mínimo.

As cooperativas participam dos leilões realizados pelo governo federal para escoar os estoques oficiais. A

orientação é comprar o produto de qualidade boa e intermediária e exportar aquele de qualidade inferior. As indústrias utilizam o trigo de qualidade intermediária para a fabricação de biscoitos, e os de boa qualidade, para panificação. O trigo importado deverá ser mesclado com os de qualidade intermediária.

O governo federal assegura a liberação de R\$400 milhões para AGF de trigo, suficientes para 100.000 toneladas do grão, e 300.000 toneladas para PEP, totalizando 700.000 toneladas de Prêmio de Escoamento da Produção (PEP). O PROP (Programa de Opção Privada), com a participação da indústria, conta com volume de 850.000 toneladas no País, dos quais, 200.000 no Rio Grande do Sul. Os mecanismos permitirão a retirada de produto do Rio Grande do Sul e forçarão a recuperação no preço.

De qualquer forma, a Ocepar-Organização das Cooperativas do Paraná solicitou a prorrogação do pagamento das parcelas de financiamentos de custeio do trigo em minuta enviada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Sem recursos para pagar os empréstimos contraiados devido à retração nas vendas do cereal, a entidade solicita a postergação do vencimento das parcelas do custeio por 180 dias. Ao produtor, é facultado solicitar a prorrogação depois de comprovada a dificuldade de comercialização. Os pedidos foram protocolados junto aos agentes financeiros antes do vencimento da primeira parcela. ■

Área plantada na Argentina cai 21% nesta temporada

Os produtores de trigo da Argentina deverão colher 12 milhões de toneladas do cereal na safra 2005/06, volume 25% menor que as 16 milhões de toneladas produzidas em 2004/05, informa a Secretaria da Agricultura do País, em relatório de novembro. Uma estiagem prolongada nas principais regiões produtoras, associada aos baixos preços pagos pelo cereal, altos impostos cobrados na exportação e aumento dos custos de produção, levou os produtores a reduzir em 21% a área cultivada.

A Secretaria estima a área plantada em 4,96 milhões de hectares, ante 6,26 milhões de ha na safra passada. Buenos Aires, La Pampa e centro-sul de Córdoba são as regiões onde a redução foi maior. Também se espera uma produtividade menor para a atual safra. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estima a safra argentina em 12,1 milhões de toneladas, enquanto a Bolsa de Cereais de Buenos Aires prevê safra de 11,1 milhões de toneladas.

Cientes de uma safra menor, seja internamente, como no Brasil, os argentinos mantêm elevados os preços da safra nova. A esperada queda de preços não aconteceu. A diferença



entre a safra nova e a velha atualmente é de apenas alguns dólares, quando normalmente atinge até US\$25 dólares por tonelada. De acordo a Abitrigo, a tonelada do produto da safra nova, comprada em Up River nesta mesma época no ano passado, estava cotada a US\$104, e hoje está em US\$134. No disponível (safra velha), o trigo vem dessa mesma região, onde se colhe um cereal com maior teor de proteína, vale US\$140.

A Argentina, que usa 6,5 milhões de toneladas para consumo interno, vende agora um volume maior para o Brasil. Isso deve reduzir seus estoques finais em 2005 para 600 mil toneladas. Como o produto argentino de qualidade ficará mais escasso no decorrer da safra 2005/06, o Brasil buscará produtos em outros mercados.

Paralelamente, as indústrias brasileiras de trigo propuseram aos moinhos argentinos a equalização das alíquotas de exportação de pré-misturas de trigo, em 5% e 20%, respectivamente, para as tarifas de exportação do grão e da farinha, que estão em 20. A alegação é de que os argentinos se beneficiam da mistura de adição de sal na farinha para pagar a tarifa menor. Caso não haja acordo, o setor ameaça pedir medidas compensatórias e leis de fiscalização e restrição adotadas nas fronteiras gaúchas.

É a primeira vez que as indústrias dos dois países se reúnem oficialmente, com o apoio dos dois governos, para discutir o assunto. Os argentinos exportam por ano 240 mil toneladas de pré-misturas, o equivalente a 320 mil toneladas de trigo em grão, com uma receita de US\$48 milhões. Os problemas com as pré-misturas acontecem desde 2002. ■

LARANJA



Cancro destrói viveiros na Flórida

No estado da Flórida, o cancro cítrico já afeta 10% dos pomares, com danos a centenas de produtores. Se a bactéria continuar em disseminação, os viveiros da região sul correm o risco de destruição. A erupção da doen-

ça cresceu desde 2004, a partir da ocorrência dos furacões. Cerca de oito dos principais estados produtores tiveram severos danos, como a Ben Hill Griffin Inc., em Frostproof, e a Southern Citrus, em Dundee, responsáveis por 65% da

A Secretaria de Política Agrícola do MAPA assumiu junto à Câmara Setorial de Citricultura o compromisso de até 15 de abril apresentar uma macropolítica para o setor.

Faz parte da proposta a elaboração de um modelo de contrato básico de compra e venda de laranja entre produtores e indústrias, que será desenvolvido pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo.